

ESTUDOS DO SÉCULO

XX

número 18 • 2018

O teatro como manifesto político
no advento do salazarismo

O caso da peça *O Estandarte*, em 1932

The theatre as a political manifesto
in the advent of the salazar regime

The case of the play *O Estandarte (the banner)*, in 1932

José Guilherme Victorino

José Guilherme Victorino, Doutor em Ciências da Informação pela Universidade Complutense de Madrid, Professor na Universidade Autónoma de Lisboa, Investigador do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra – CEIS20. Email: zeguiv@gmail.com.

O TEATRO COMO
MANIFESTO POLÍTICO NO
ADVENTO DO
SALAZARISMO: O CASO DA
PEÇA *O ESTANDARTE*, EM
1932

O presente estudo tem por objeto a análise do enredo e dos múltiplos contornos de uma obra nunca publicada, julgada como perdida, *O Estandarte*, original de António Ferro, levada à cena em 1932. Para além da polémica que rodeou a estreia, examinam-se outros elementos, como as motivações do autor ao ter baseado a peça em factos reais, incidindo sobre a vida de Homem Cristo Filho, não só pretendendo reabilitar a sua memória, como aproveitando para clamar sobre a necessidade de um apaziguamento entre facções em conflito no mesmo campo político. Além da imprensa da época, esta pesquisa incluiu a consulta de correspondência inédita, entre ambos, de onde também se colocam hipóteses sobre as motivações e antecedentes que terão levado Ferro a estrear a peça naquele momento político e a probabilidade de, através d'*O Estandarte*, ter pretendido contribuir para a criação de um ambiente favorável à ascensão de Salazar, perante a opinião pública, demarcando-se, em simultâneo, de um passado extremista, da maior conveniência perante o advento da nova ordem que começava a prefigurar-se.

Palavras-chave: Teatro; António Ferro; Homem Cristo Filho; Oliveira Salazar; Propaganda.

THE THEATRE AS A
POLITICAL MANIFESTO IN
THE ADVENT OF THE
SALAZAR REGIME: THE CASE
OF THE PLAY *O ESTANDARTE*
(THE BANNER), IN 1932

This study aims to analyse the plot and the multiple contours of *O Estandarte*, an original unpublished work, considered as lost, by António Ferro, which premiered in April 1932. In addition to examining the atmosphere of animosity that surrounded the first showing, it studies other aspects, such as the author's motivations for having based the play on real facts, focusing on the life of Homem Cristo Filho, not only in order to rehabilitate his memory, but also to claim the need for appeasement between factions within the same political sector. In addition to analysing the press of that period, this research also studied the original correspondence between the two men, examining the motivations and previous circumstances that led Ferro to debut the play at that political moment, and the possibility of contributing to the creation of an environment that favoured the rise of Salazar before public opinion, while moving away from an extremist past, which was very convenient in the advent of the new order that was beginning to arise.

Keywords: Theater; António Ferro; Homem Cristo Filho; Oliveira Salazar; Propaganda.

LE THÉÂTRE COMME
MANIFESTE POLITIQUE
DANS L'AVÈNEMENT DU
SALAZARISME: LE CAS DE
LA PIÈCE *O ESTANDARTE*
EN 1932

Cette étude a pour objet l'analyse de l'intrigue et des multiples contours d'une œuvre inédite, considérée comme perdue, *O Estandarte*, une œuvre originale d'António Ferro, jouée en 1932. En plus de la controverse ayant entouré la première, d'autres éléments sont examinés, tels que les motivations de l'auteur lorsqu'il a basé sa pièce sur des faits réels, portant sur la vie de Homem Cristo Filho, en souhaitant non seulement réhabiliter sa mémoire, mais en en profitant également pour clamer le besoin d'apaisement entre les factions conflictuelles dans le même domaine politique. Outre la presse de l'époque, cette recherche a inclus la consultation d'une correspondance inédite entre les deux, à partir de laquelle sont également formulées des hypothèses sur les motivations et les antécédents qui ont conduit Ferro à débiter la pièce à ce moment politique et la probabilité que, par le biais du *O Estandarte*, il ait souhaité contribuer à la création d'un environnement favorable à l'ascension de Salazar, aux yeux de l'opinion publique, en se démarquant, en même temps, d'un passé extrémiste, de la plus grande commodité dans l'avènement du nouvel ordre qui commençait à être préfiguré.

Mots-clés: Théâtre; António Ferro; Homem Cristo Filho; Oliveira Salazar; Propaganda.

No dia 6 de abril de 1932, ano em que Carmona encarregou Salazar de formar Governo, teve lugar a estreia, no Teatro da Trindade, pela Companhia Lucília Simões, de uma peça que estava a gerar grande expectativa no meio: *O Estandarte*, original de António Ferro, já então destacado jornalista, escritor e crítico teatral. Entre outras, tinha Ferro sido autor de peças de intencional recorte futurista, como *Mar Alto*, representada em Lisboa, em 1923, cuja apologia de um triângulo amoroso, por muitos considerada amoral, levou ao seu cancelamento pelo Governo Civil, sob uma inclemente chuva de críticas (FERRO, 1924(?): 69-95). Esta ainda esteve para voltar a ser representada em vão, no Teatro Novo, criado por Ferro no salão de chá do Tivoli, em 1925, iniciativa em que, à semelhança da *Contemporânea*¹, pretendendo uma «modernização do gosto», foi pela primeira vez representada em Portugal uma peça de Pirandello².

António Ferro entre o Futurismo e o Fascismo

Foi António Ferro o mais versátil e empenhado arauto difusor do ideário fascista em Portugal, primeiramente num registo neosidonista, próximo da essência dos partidos e causas em que viria a militar, seguidamente através das suas reportagens compulsadas em livros que, ao longo da década de 1920, causaram sensação junto de um público conservador assustado com a ameaça de “bolchevização” do operariado (OLIVEIRA, 1980: 12). Como “repórter internacional”, Ferro também traduziu as suas crescentes convicções políticas nesse registo, entrevistando e enaltecendo figuras como D’Annunzio, Mussolini, Primo de Rivera ou Georges Valois, colocando o problema central «na questão da ordem, da disciplina, do patriotismo, para a construção de um Estado forte», como referiu Ernesto Castro Leal (LEAL, 1994: 159).

Desde a sua efémera experiência n’*O Jornal*, destinado a prosseguir o ideário da “República Nova” sidonista³, começou o jovem Ferro a ser galvanizado pelas ditaduras, e concomitantemente pelo Fascismo, «filosofia de ação baseada na intuição, no culto da energia e do arrebatamento», como outros inconformados espíritos contemporâneos que escolheram, como também referiu Castro Leal: «o modernismo e o futurismo como atitude estética e o presidencialismo como atitude política» (LEAL, 1994: 37). Pretendendo modelar um homem novo e dinâmico, uma das razões da atração exercida sobre uma juventude que se sentia limitada pelo mundo burguês, mas também recusava a solução anarquista, ou marxista, revendo-se na componente simultaneamente elitista e

¹ Fundada pelo decorador do «Teatro Novo», José Pacheco, «revista feita expressamente para gente civilizada (...) e para civilizar gente», contando com diversos colaboradores das direitas, como Ferro e Homem Cristo Filho, mas também os integralistas Sardinha e Monsaraz, e ainda Pessoa, Almada, Raul Leal, Mário Saa, entre outros. FRANÇA, 1992: 155.

² *Idem*, p. 102. Do programa de obras a levar à cena constavam autores como João de Castro (Osório), fundador do Nacionalismo Lusitano, que em carta a Ferro, sem data, lamentou as dificuldades financeiras daquele efémero projeto teatral (outra iniciativa conjunta para além da ação conspiratória mencionada neste acervo epistolar?): «A persistir nestas condições (...) é preferível fechar já (evitando perdas ainda maiores), para podermos reabrir no Inverno. (...) Não poderemos (...) ter teatro novo senão duas vezes no ano». Correspondência de João de Castro Osório para António Ferro. Arquivo da Fundação António Quadros: Fundo António Ferro.

³ «Que antecipou, nomeadamente com o seu populismo antiplutocrático, alguns traços do fascismo». PINTO, 1992: 118.

igualitária do fascismo, tais ideias atraíram «os modernistas vanguardistas», mas também toda uma «massa de jovens intelectuais (...) prova de que pode existir uma cultura que não esteja fundada nos privilégios de nascimento e de dinheiro» (STERNHELL, SZNAJDER e ASHÉRI, 1995: 392-394) – caso particular de António Ferro.

A sua ligação a estas correntes, ao longo deste período, motivada pela desilusão do retorno à “República Velha”⁴, pode também ser explicada a partir da influência que sobre si exerceu uma personagem a que adiante voltaremos, Homem Cristo Filho (Francisco Manuel), como o caracterizou João Medina, «o único *fascista* autêntico da nossa história política, o único que bebeu as doutrinas do *fascio* mussolinesco *sur place*» (MEDINA, 1978: 20).

Antes das entrevistas concedidas por Salazar, nos finais de 1932, Ferro já vinha, desde a década anterior, a desenvolver uma construção teórica curiosamente próxima daquilo que, em 1938, Walter Benjamin designou como a estetização da política, imanente à ascensão do fascismo (BENJAMIN, 1978): «A nossa política não tem beleza, não tem cenário, não tem figuras decorativas (...). É esse o maior defeito da vida pública portuguesa. Ninguém cuida de vestir os sentimentos, de lhes dar forma, de lhes dar elegância, de os pôr apresentáveis», escreveu Ferro, em 1921, saudoso da figura carismática de Sidónio⁵. Esta consistente visão de futuro «intelectual orgânico», como o definiu Luís Reis Torgal (TORRAL, 2009: 78-80), viria a evoluir, já no Secretariado da Propaganda Nacional (doravante SPN), no sentido de uma *teoria do gosto*⁶, designadamente através de iniciativas como o Teatro do Povo, em 1936, na consciência que o Estado Novo desenvolveu, da necessidade de aproveitar os tempos livres dos trabalhadores, num contexto de necessária inculcação ideológica, devido aos receios de “contágio” do conflito espanhol.

Também a partir da sua posição de crítico teatral, no *Diário de Notícias*, Ferro foi o representante português ao I Congresso Internacional da Crítica Dramática e Musical, realizado em Paris, em 1926, tendo-se devido à sua pulsão organizativa a realização, em Lisboa, do IV Congresso, em 1931, que mais tarde comentou:

«A primeira grande campanha da nossa propaganda no estrangeiro (...) da qual foram os seus primeiros agentes, completamente desinteressados, os críticos de todos os países que vieram nesse momento, ao nosso país. E durante dois anos pude ser, devido a esse Congresso, para bem da Nação, pelos contactos que tal posição me trouxe, o Presidente da Federação Internacional da Crítica» (FERRO, 1950: 97-98).

⁴ «Em “Bilhete de Pêsames”, dez anos após a revolução, recorda o ato: «Cinco de Outubro de 1910 (...) A hora é grande, redentora. Sentem-se os passos da Raça. Portugal (...) ressuscita» (...). A ilusão durara pouco tempo. Rapidamente instalara-se «uma república de boémios», onde cresceram (...) os «ódios», «os escândalos» (...) numa «permanente barraca de fenómenos». FERRO, António – “Bilhete de Pêsames”. O Imparcial, 5/10/1920, *apud* LEAL, 1994: 79-80.

⁵ FERRO, António – “O Parlamento e os artistas”. *Diário de Lisboa*, 7/7/1921, *apud* RODRIGUES, 1987: 329.

⁶ «Há que transformar, de facto, a mentalidade do nosso meio (...) provinciano (...). Se 1932 (...) quiser ser um ano às direitas, tem de gritar e impor, com o auxílio da imprensa, com o auxílio do Governo, se for preciso, um gosto médio, um gosto que não aspire aos arrojos de Berlim e de Moscovo, mas que não nos envergonhe diante de estrangeiros, diante de civilizados». FERRO, António – “Ano Novo, Ano Bom?”. *Diário de Notícias*, 1/1/1932.

Mas apesar desta posição de proeminência em relação aos seus colegas de profissão, conforme relatado pelo seu mais próximo colaborador nos alvares do SPN, Artur Maciel, também crítico teatral n'*A Voz* (VICTORINO, 2013: 137-139), tinha Ferro «muito escassas relações, por então, nos arraiais situacionistas mais próximos de Salazar» e há «mais de um ano que tentava em vão» entrevistar o mesmo⁷, acrescentando:

«Sentia-se a necessidade premente de um serviço de informação, apto a esclarecer (...) as nossas agências diplomáticas (...) os escritores e jornalistas que espontaneamente nos visitavam, atraídos pelo interesse da «experiência portuguesa» (...). O *Diário de Notícias* abre (...) as suas colunas às famosas entrevistas subscritas por António Ferro. (...) e a sua edição em livro tiveram o condão de pôr sob os olhos do Presidente do Conselho o jornalista já de nome feito, que muitas circunstâncias podiam indicar para o novo (...) cargo. Mas (...) Ferro, mesmo após o contacto com Salazar, ainda não o atraía o compromisso de uma ostensiva posição política – «*Não sou, não quero ser um político militante*» era uma perseverante frase sua (...) interessava-o sim, ao tempo, um plano do Ministro dos Negócios Estrangeiros, então o Dr. César Mendes, que previa a nomeação de adidos de imprensa em Paris, Londres, Berlim, Roma e Rio de Janeiro. O centro nevrálgico (...) seria Paris e incitava toda a sedução de António Ferro. Esse plano foi dado por inviável e só depois disso se tornou mais fácil libertar Ferro da relutância em perder aquilo que chamava a sua independência de escritor e jornalista»⁸.

Não sendo de descartar a possibilidade de também ter feito parte de uma iniciativa congénere (proposta por Homem Cristo Filho a Gomes da Costa, em 1926⁹), apesar de Ferro parecer ter sido alheio a posteriores esboços de outro «*bureau* de propaganda» (segundo o mesmo relato de Maciel, referindo tê-lo proposto a Domingos Oliveira, em 1930, e a Salazar, em 1932), o encadeamento de alguns artigos que Ferro, antes e depois da representação d'*O Estandarte*, publicou no *Diário de Notícias* (seguidos das entrevistas de Salazar), pode ser visto como um indício de que já vinha preparando a opinião pública para a necessidade de um organismo que se adequasse ao seu próprio perfil, tomando posições da maior conveniência perante o advento da nova ordem que começava a prefigurar-se e que certamente influenciaram a sua nomeação para dirigir o SPN no ano seguinte¹⁰. A mensagem subjacente a textos como o já citado “Ano

⁷ Ver idêntico comentário em NOGUEIRA, 1978: 176.

⁸ MACIEL, Artur – “Salazar nos primeiros tempos da vida e da acção do SNI”. *Diário da Manhã*, 5/7/1957.

⁹ «Gomes da Costa falou-nos pois especialmente da situação exterior do país e da imperiosa necessidade que havia (...) de a modificar, organizando sem demora, à semelhança da maior parte das outras nações, uma Alta Direcção ou Comissão de Propaganda que nos valorizasse no estrangeiro». CRISTO FILHO, Homem – “Declaração Desassombada”. *A Informação*, 1/9/1926, *apud* CASTELO-BRANCO, 2001: 141. A sua pretensão, contudo, terá sido vetada por Carmona, dado o vencimento a que Homem Cristo aspirava para poder desempenhar aquele cargo em Paris: «300 libras-ouro por mês». *Ibidem*.

¹⁰ Ver no mesmo contexto SERRA, TORRES, 2017: 221-222, ACCIAIUOLI, 2013: 71.

Novo, Ano Bom”¹¹; “Vida”¹²; “Falta um Realizador”¹³; “O Ditador e a Multidão”¹⁴; “Política do Espírito”¹⁵, colocou a necessidade de se encontrar um “*metteur en scène*”, como intermediário entre a ditadura e as massas, tendo-se Ferro ainda desdobrado na organização de uma série de conferências sobre Portugal, em Paris, «em missão do Ministério dos Negócios Estrangeiros»¹⁶, a que se seguiram, em Lisboa, a de Lucien Dubech¹⁷ e a de Marinetti (que levou Almada Negreiros a criticar Ferro e «os caprichos mundanos» do seu «programa pessoalíssimo»¹⁸).

Fixado o registo que mais lhe interessava nesse momento – «Porquê Portugal, isolado no seu mirante, não conseguiu ainda, apesar de toda a propaganda, impor-se à Europa e ao Mundo?»¹⁹ – Ferro estava desta forma a introduzir o tema, por si acarinhado, em que à semelhança do Fascismo, em Itália, o novo regime tomasse os intelectuais como agentes de inculcação ideológica, tendo sido o pioneiro, em Portugal, de uma propaganda também mais tarde consolidada pelo SPN sob uma forma de diplomacia²⁰.

A peça e a realidade para lá da ficção

Pelos motivos apontados, nesse ano de consagrações para Ferro, quando *O Estandarte* subiu à cena, tal não se deve ter devido a uma coincidência. Nunca publicada, julgada desaparecida do espólio do seu autor (RODRIGUES, 1995: 127n.), esta peça em três atos, com cenários de Cottinelli Telmo, foi considerada por Luís Francisco Rebello como a primeira de um género que constituiu uma raridade no Estado Novo: das obras teatrais «que fizeram a apologia, direta ou indireta, do regime ou da ideologia em que se apoiava» (REBELLO, 1999: 497), como *Revolução*, de Henrique Galvão (também de 1932), *Camaradas*, de Virgínia Victorino (em 1937)²¹ e *Pátria*, de Vasco Mendonça Alves (em 1943).

O Estandarte acabou por não passar de duas récitas, em Lisboa, seguida de récita única no Teatro Sá da Bandeira, no Porto, em 20 de maio, fazendo parte do elenco

¹¹ *Diário de Notícias*, 1/1/1932.

¹² *Diário de Notícias*, 7/5/1932.

¹³ *Diário de Notícias*, 14/5/1932.

¹⁴ *Diário de Notícias*, 31/10/1932.

¹⁵ *Diário de Notícias*, 21/11/1932.

¹⁶ *Diário de Notícias*, 7/1/1932. As conferências foram levadas a cabo na Casa de Portugal em Paris, com a participação de Gérard Bauer, Paul Valéry, Fernand Gregh, Robert Kemp e Emile Vuillermoz, terminando com aquela que foi proferida pelo próprio Ferro e por Fernanda de Castro, em 20 de fevereiro de 1932.

¹⁷ Crítico do periódico homónimo da *Action Française*, é de assinalar que, durante a sua presença, em Lisboa, foi convidado por Ferro para assistir à estreia d’*O Estandarte*, sobre a qual escreveu enaltecendo o autor: “Uma *première* portuguesa vista por um crítico parisiense”. *Diário de Notícias*, 13/4/1932. Tal motivou uma réplica do crítico Avelino de Almeida (que antes qualificara a peça como «um sermão patrioteiro, com suas rajadas de comício»), acusando Dubech de flagrante parcialidade: «Nunca imaginei – jurado! – foi que o grande e violento crítico apreciasse, fora de França, e com ares de quem dá lições aos naturais, peças escritas numa língua que ignora». “O Estandarte”. *Cinéfilo*, 9/4/1932. “As lições de M. Dubech. *Idem*, 16/4/1932.

¹⁸ NEGREIROS, José de Almada – “Os futuristas portugueses e a visita de Marinetti”, *Diário de Lisboa*, 25/11/1932.

¹⁹ FERRO, António – “Vida”, *Diário de Notícias*, 7/5/1932, *apud* RODRIGUES, 1987: 391.

²⁰ VICTORINO, 2018: 169-250.

²¹ Sobre esta peça, cuja temática terá sido sugerida por Ferro à autora, ver NETO, 2001: 141-146.

Lucília Simões, Brunilde Júdice, Erico Braga, Nascimento Fernandes, Samuel Dinis e Joaquim Almada. De facto, parecia ter-se gerado mais uma espécie de cabala contra o autor, de fortes inimizades no meio²², à semelhança do que também se havia passado com *Mar Alto*, nove anos antes, o que pode ter constituído um inesperado retrocesso na estratégia de António Ferro.

Mas vejamos uma síntese do 1.º ato, no dia seguinte, publicada no *Diário de Lisboa* pelo crítico Acácio de Paiva:

«(O) *Estandarte* pretende ser um conflito passional envolto num caso político da época. A figura central, que morre no segundo ato, é a biografia dum chamado chefe. Elegante, rude de palavras, imperativo no querer, ele domina a vida, os acontecimentos e as mulheres, com uma facilidade assombrosa. Tem um inimigo que o combate terrivelmente na imprensa. Um artigo mais violento, com o título de «Indesejáveis», atira o chefe para o exílio, que assim evita a prisão. Antes de partir parece que liquida o seu conflito sentimental. Dum lado a mulher, que o ama, mas que o irrita com as suas ironias. O filho, de poucos anos, certamente, e a casa em que ambos vivem. Do outro a amante, a secretária, a confidente, que ele prefere, exigindo à mulher a separação, o filho e a casa. Mas a polícia está-lhe no encaicho. Então, as duas mulheres, separadas por aquele amor, unem-se à roda do homem-chefe, palpitantes de paixão e de carinho, salvando-o, compelindo-o à fuga, num primeiro ato de grande dramatismo»²³.

Mais omissa no que diz respeito à continuação do enredo, referindo o mesmo crítico que, no 2.º ato, a peça deixa «de respirar» e que «as figuras perdem relevo e andam à toa e muito embrulhadas em palavras», recorrendo ao guião (FERRO, 1932), vemos que o dito «Chefe» («José Manuel de Castro»), morre em França num acidente de automóvel, encontrando-se a partir daí a sua mulher («Albertina») e a sua amante («Marta»), irmanadas pela mesma dor: «Desapareceu o homem que nós amámos, mas há que salvar o chefe numa causa nobre, numa causa nacional, da nossa causa!

²² «Que explicação encontrar para a atitude excepcional assumida por uma parcela dos que acorreram à *primeira* do *Estandarte*? Criando uma atmosfera péssima logo no decorrer do 2.º ato, interrompendo permanentemente o terceiro, a ponto de se ter tornado impossível ouvir tudo o que em cena se dizia (...) quem assim manteve o alvoroço deixou nitidamente provado que não pretendia aquilatar do valor da peça. A primeira condição para julgá-la consistia, precisamente, em curar de a ouvir! O escândalo visou, portanto, outro objectivo. (...) Tratava-se de alguém que é discutido, e naturalmente malquisto, como crítico de teatro que desde há muito emite opinião das colunas de um dos mais importantes diários portugueses. (...) alguém, enfim, que, num meio restrito e mesquinho como o nosso, onde o êxito de quem quer que seja (...) desperta invejas e despeitos de toda a ordem». MACIEL, Artur – “No Trindade: *O Estandarte*, peça em 3 actos, original de António Ferro”. *A Voz*, 10/4/1932. «Facilimo provar a “cabala” (...). Ela foi denunciada pelo Sr. Vasconcelos de Carvalho, oito dias antes da *première*, num artigo do *Diário de Coimbra* intitulado: “Um monstruoso atentado que se prepara”. FERRO, António – “A crítica da peça «O Estandarte» feita pelo seu autor”. *Diário de Notícias*, 17/4/1932.

²³ A. P. – “«O Estandarte», no Teatro da Trindade”. *Diário de Lisboa*, 7/4/1932. O «artigo» mencionado no enredo é publicado no «O Resgate», órgão da causa do «Chefe», por sua vez combatido pelo homólogo do seu rival: «O Estandarte». Designação recorrente na terminologia utilizada por Homem Cristo Filho para divulgar o seu ideário, note-se que depois de idêntica realizada em Aveiro, em março de 1925, o título da conferência que tentou proferir em Coimbra (proibida por ordem do governador civil), era «A Campanha do Resgate». CASTELO-BRANCO, 2001: 135-136.

É necessário que o seu espírito não morra, que procure outro corpo e que continue a guiar esse movimento que só existiu porque a sua vontade quis». Nisto aparece em cena o arquirrival político do «Chefe» («Costa Lebre»), de «igual força na voz, no olhar e na atitude». Declara-se este apostado numa frente única das duas causas (apesar de tudo idênticas no guião, dos «tradicionalistas» contra os «reformistas»), mas, sendo surpreendido pela notícia da morte do seu adversário, oferece de imediato o seu periódico para prestar as últimas homenagens ao chefe morto, de quem se declara afinal ter sido sempre admirador como «antigo companheiro de armas»: «O vosso chefe morrendo tragicamente (...) a caminho do exílio, prestou o último serviço às suas ideias, ao seu país. O poder será nosso, dentro de pouco tempo, se soubermos dar vida à sua morte».

No 3.º ato, esta personagem transforma-se efetivamente no novo «Chefe», apossando-se inteiramente da situação, conseguindo congregar à sua volta a adesão dos correligionários mais importantes do seu antigo adversário, «tomando com generosidade conta do partido do outro, da glória do outro», como referiu Acácio de Paiva – acrescente-se também da amante do outro, que acaba paradoxalmente seduzida pelo novo líder quando a peça termina²⁴.

Se na altura não devem ter restado dúvidas, dadas as pistas que Ferro introduziu neste enredo à *clef*, notoriamente coincidentes com a vida de Homem Cristo Filho, vários factos confirmam que a personagem central da peça era de facto a sua encarnação. Não só Fernando Homem Cristo, seu irmão, o veio a referir em elogiosa carta ao autor²⁵, como em 1934 começou o jornalista e escritor monárquico, Tomás Ribeiro Colaço, no seu semanário *Fradique*, a publicar os três primeiros capítulos²⁶ de um romance que só veio a editar no Brasil, em 1947, *A Calçada da Glória*, severa caricatura da vida e obra de António Ferro²⁷. Nesse livro, ao descrever-se um tumulto durante a representação da peça «A Bandeira», é facilmente identificável Homem Cristo Filho²⁸,

²⁴ «O terceiro acto é francamente mau. Vê-se que o autor, liquidada a personagem central, finalizando o conflito sentimental, definida a atitude do inimigo do chefe, nada mais tem que fazer. Então recorre à oratória e a conversações pueris, abusando do nome do personagem morto». A. P. – «O Estandarte», no Teatro da Trindade”. Diário de Lisboa, 7/4/1932. «Não era esta a peça a esperar de António Ferro, cuja obra anda ligada a tendências marcadamente de vanguarda (...). Uma peça inferior ao próprio nome do autor». MACIEL, Artur – “No Trindade: *O Estandarte*, peça em 3 actos, original de António Ferro”. A Voz, 10/4/1932.

²⁵ «Fiquei comovido e atónito (...) pela inteligência e amor com que você evocou a figura inesquecível do meu saudoso irmão». Carta de Fernando Homem Cristo para António Ferro. Lisboa, 9/4/1932. Arquivo da Fundação António Quadros: Fundo António Ferro.

²⁶ *Fradique*, 5-7-1934; 27-9-1934; 7-2-1935. No âmbito de uma entrevista dada por Colaço, referiram-se as «Memórias de Antero Chumbo», de que o semanário *Fradique* publicou já alguns trechos, assombrosos de realidade, sobretudo no que diz respeito ao desenho da figura primacial”. “Thomaz Ribeiro Colaço declara guerra aberta aos falsos ídolos”. Diário de Lisboa, 1/2/1935.

²⁷ «Ferro malhado à esquerda republicana como à direita monárquica». FRANÇA, 1995: 11.

²⁸ «A propaganda da Ideia Nova, como não aparecia afinal Ideia, era feita sobretudo na chacota dos cafés. Antero sentiu que chegara o momento de desferir um grande golpe (...). Morrerá pouco antes (...) num espectacular desastre de automóvel – ao voltar de uma entrevista com certo Marechal – um português de nome singular que fora um dos mais caros figurinos de Antero Chumbo: Santo Pedro Sobrinho (...). Antero estivera em contacto com ele, seguira-lhe depois de longe a trajectória, com uma gulosa sede de tornar-se igual. (...) Resolveu aproveitá-lo para uma peça». COLAÇO, 1947: 71-72.

sendo que, por outro lado, em carta dirigida a Virgínia Victorino, Colaço referiu que não só teve por propósito aludir ao *O Estandarte*, mas também a *Mar Alto*, facto que talvez ajude a explicar algumas discrepâncias entre o guião da primeira e certas cenas e episódios que descreve durante a peça que caricaturou²⁹. Como referiu José-Augusto França, “sempre levado por uma feroz aversão a António Ferro, de quem criticara violentamente a peça *Mar Alto* (...) e que subia na vida oficial que a ele era recusada” (FRANÇA, 2003: 14), Tomás Colaço também viria a atacar o SPN através do *Fradique*, em artigos sobre os “Prémios Literários”, e outras polémicas³⁰, referindo mais tarde, ao embaixador de Portugal no Rio de Janeiro, Martinho Nobre de Melo, que uma das suas diversas razões contra Ferro datava do período em que aquele, «como último recurso», lhe «estrangulava o jornal com a Censura», que «chegou a ser dupla, censura em prova, censura em página»³¹.

Mas voltando à personagem real deste enredo, revendo alguns detalhes biográficos, Homem Cristo Filho (1892-1928) foi nomeado «Diretor dos Serviços de Informação nos Países Amigos e Aliados», pelo governo de Sidónio Pais, e era tão polémico, truculento e temido como o seu pai, fundador do republicano *O Povo de Aveiro*. Tendo nos seus antecedentes anarquistas sido expulso da Universidade de Coimbra, vindo a exilar-se em Paris, fundou jornais como o *Restauração*, quando passou a assumir uma postura monárquica, *Ideia Nacional*, já de cariz antidemocrático, próximo do Integralismo, culminando no efémero diário *A Informação*, em 17 de julho de 1926, numa viragem radical de carácter fascizante. Tendo-se naquele declarado abertamente hostil a Carmona e a Sinel de Cordes³², após a queda de Gomes da Costa, tendo Ferro como mais próximo colaborador (e eventualmente sócio³³), Homem Cristo publicou, entre outros, o virulento artigo³⁴ que terá conduzido à sua detenção, sendo colocado na fronteira, já não podendo contar com o apoio dos neosidonistas que, adeptos das suas ideias, tinham integrado o governo anterior.

Tendo igualmente fundado em Paris a *Chez-Fast*, agência noticiosa de promoção de «interesses de grande projeção económica e política» (BARREIRA, 1982: 182),

²⁹ Carta datada de 26 de fevereiro de 1941, quando Colaço já se encontrava autoexilado no Brasil: «Está pronta a Calçada da Glória! (...). Capítulo IV: “A primeira representação” (Estandarte e Mar Alto) (...). Não é livro vendável – mas tratarei de que fure. E furará... Mesmo que só possa ser vendido a 50\$00, para gulosos. (...) Meu medo é só que se saiba aí antes, a tempo de “de lá” tentarem entrar a edição aqui». Correspondência de Tomás Ribeiro Colaço para Virgínia Victorino. Espólio do autor.

³⁰ *Fradique*, 28/6/1934, 20/12/1934, 10/1/1935, 2/5/1935, 31/10/1935.

³¹ Parte de uma transcrição dactilografada de três cartas de Tomás Colaço para Martinho Nobre de Melo, remetidas de Petrópolis em 21, 28 de setembro e 5 de outubro de 1941. Espólio do autor. A este propósito, veja-se o comentário de Colaço em carta que dirigiu ao *Diário de Lisboa*: «Soube que aí me atribuem vastos e notórios feitos. Soube que foram mostradas e lidas cópias de escritos meus, dactilografadas com paciente abundância». “Carta do Rio: Tomás Colaço fala-nos de Portugal e da vida no Brasil”. *Diário de Lisboa*, 2/7/1945.

³² «O grande pecado do governo de Carmona seria o de não ser uma verdadeira ditadura». CASTELO-BRANCO, 2001: 144.

³³ «O jornal é propriedade minha e sua». Carta de Homem Cristo Filho para António Ferro. Paris, 7-10-1926. Arquivo da Fundação António Quadros: Fundo António Ferro.

³⁴ «Denunciou o escândalo Alves dos Reis, a responsabilidade do Banco de Portugal no encobrimento e favorecimento de alguns lesados endinheirados». CRISTO FILHO, Homem – “Banco dos Réus”. *A Informação*, 13/8/1926, *apud* CASTELO-BRANCO, 2001: 144.

Homem Cristo publicou, entre outras obras, *Mussolini batisseur d'avenir: harangue aux foules latines*, em 1923, conquistando a intimidade de diversos notáveis do regime italiano, tornando-se num eminente propagandista internacional dessa causa. Orbitando por vários círculos intelectuais e políticos franceses, com fortes ligações a influentes periódicos, a ele terá Ferro devido alguns dos seus contactos internacionais como jornalista³⁵ e a concomitante notoriedade obtida com as suas já referidas coletâneas de entrevistas, *Viagem à Volta das Ditaduras*³⁶ (lançada em 28 de maio de 1927), e *Praça da Concórdia*³⁷, em 1929.

Visto por alguns como candidato a ditador, tendo-se promovido a si próprio nesse registo (glosado ironicamente pelo periódico ligado ao governo que o expulsou³⁸), apodada a sua *persona*, n' *O Estandarte*, como «receita de Mussolini para nações pobres», Homem Cristo Filho, embora exilado, continuou a dirigir *A Informação* através de António Ferro³⁹. Da correspondência mútua, contudo, não podemos concluir que o primeiro tenha encarado a criação de uma força política, comentando aliás erradamente: «Estou convencido de que isso vai parar irremediavelmente, outra vez, aos partidos e que a gente nalgum há-de ingressar, pois sozinhos não fazemos nada. E perante esse dilema antes o nacionalista que qualquer outro. O que importa é a doutrina, o que importa é levar esse partido a compreender e a integrar-se na atual corrente europeia»⁴⁰. É, todavia, provável o seu envolvimento na intensa atividade conspirativa em que Ferro se viu enredado ao serviço de Filomeno da Câmara, em especial no golpe militar de 18 de abril de 1925. Integrando os mesmos círculos conservadores radicais, a partir da Cruzada Nun'Álvares Pereira⁴¹ e demais personalidades, direta ou indiretamente ativas

³⁵ «Em fins de 1924, António Ferro voltou a Paris (...). Quis (...) realizar uma série de entrevistas com políticos, escritores, artistas célebres. Coube-me a agradável tarefa de o introduzir (...) junto de quarenta dessas individualidades cujas impressões pude, mais tarde, recolher (...). E quando lhes mando, traduzidos em francês, os artigos de António Ferro que lhes dizem respeito, recebo invariavelmente uma resposta em que há o mesmo *leit-motiv*: «*Votre compatriote est parisien. C'est Sacha Guitry à Lisbonne. Il devait écrire en français*». “A Filiação Espiritual de António Ferro por Homem-Christo, filho”. Diário de Lisboa, 13/2/1926.

³⁶ Obra prefaciada pelo capitão-de-fragata Filomeno da Câmara, que «pretendia ser o Mussolini português (...) e se dizia republicano, mas era integralista e fascista ao mesmo tempo». MARTINS, 1948: 145. No livro *D. Manuel II: o desventurado*, em 1954, Ferro considerou Filomeno uma das figuras a quem ficou a dever a sua «evolução política e moral», a par de Sidónio Pais e de Salazar. QUADROS, 1963: 134.

³⁷ Livro dedicado «À memória de Homem Christo Filho, grande português de Paris, ao Arco do Triunfo que foi a sua vida».

³⁸ «No jornal *Le Figaro* (...), sob o título *L'expulsion de M. Homem Christo*, vem uma esdrúxula prosa acerca do director d'*A Informação*. Não se trata de notícia ou artigo da redacção do *Figaro*, mas sim de *une information datée de Lisbonne* (...). Quer dizer: um comunicado que muito bem podia ter sido pago a tanto por linha (...). A figura do filho do Pai (...) é pintada no comunicado do jornal francês a berrantes cores de elogiosas referências (...): *M. de Homem Christo est l'homme de demain* (...). Não, não o será nunca nesta terra portuguesa». “*L'homme de demain*, uma informação comunicada e publicada em *Le Figaro*”. Portugal, 9/9/1926.

³⁹ O último número do jornal saiu em 3 de fevereiro de 1927. António Ferro assinava os seus artigos com o pseudónimo de Fradique Mendes. Foram também colaboradores, entre outros, sua mulher, Fernanda de Castro, António de Cértima e Reinaldo Ferreira (Repórter X). LEMOS, 2006: 366-367.

⁴⁰ Carta de Homem Cristo Filho para António Ferro. Paris, 10/10/1926. Arquivo da Fundação António Quadros: Fundo António Ferro.

⁴¹ «Cheira a ala dos namorados, a *chez Fast*, a padeira de Aljubarrota, a Maria da Fonte... Não há por aí ninguém que se enrole na Cruzada?», comentário da Seara Nova (Raúl Proença?) ao editorial de

nessas conspirações⁴² – a carreira política de Homem Cristo Filho foi interrompida, ao perder a vida num acidente de automóvel, em 12 de junho de 1928, quando se ia encontrar com Mussolini para a preparação de um «Congresso das Nações do Ocidente», a realizar-se em Roma no ano seguinte (CASTELO-BRANCO, 2001: 165).

A partir desta descrição de acontecimentos é fácil apercebermo-nos da similitude com a peça no que diz respeito à malograda ascensão política de Homem Cristo Filho. Mas apesar do seu conteúdo eminentemente alegórico («*as cenas do Estandarte que mais se aproximam da verdade, são justamente as mais inverosímeis*», declarou Ferro no dia da estreia⁴³), também não é fácil descodificar o significado da peça no contexto das forças em presença: se por um lado sabemos que Ferro criou um enredo baseado em factos reais – não tendo porém existido coincidência temporal entre a expulsão de Homem Cristo e o acidente que o vitimou, como é descrito na peça – à data da efetiva morte deste teria existido realmente um seu rival, militando no mesmo espectro político?

Não sendo de descartar a hipótese d’*O Estandarte* ter podido suscitar, junto de algum público, a ideia de que Ferro pretendia estabelecer uma analogia com a força política que naquele momento começava a emergir, o Movimento Nacional-Sindicalista, de Rolão Preto, não deixa por outro lado de ser curiosa a ressonância do nome do novo «Chefe» na peça («Costa Lebre») com o de (Francisco) Cunha Leal, sabendo-se, porém, como antes aflorado, que *A Informação* se colocou ao serviço do Partido Republicano Nacionalista⁴⁴, do qual aquele tinha sido recentemente líder da bancada parlamentar⁴⁵, e de que afinal também tinham sido membros do respetivo diretório personalidades como Filomeno da Câmara (até integrar o Governo de Gomes da Costa), e João Tamagnini Barbosa (que ali se manteve até à dissolução do partido, em 1935), no qual Homem Cristo parecia depositar a esperança de regressar a Portugal⁴⁶.

Martinho Nobre de Melo “No Bom Combate”, publicado na *Revista Nacional* em 1 de julho de 1925. LEAL, 1999: 190.

⁴² Martinho Nobre de Melo, Fidelino de Figueiredo, Carlos Malheiro Dias, João de Castro Osório, Jorge Botelho Moniz, entre outros, tendo o último sido autor de *O 18 de Abril: elementos para a história de uma revolução vencida*, em 1925, cuja segunda edição, no ano seguinte, teve Homem Cristo Filho como prefaciador. *Idem*, p. 376.

⁴³ “Um original português: algumas confidências oportunas de António Ferro sobre a sua nova peça”. *Diário de Lisboa*, 6/4/1932.

⁴⁴ «Suponho (...) que o jornal mantém aparentemente o seu carácter de independência, embora continue a fazer o que sempre fez, isto é, a defender os interesses do partido nacionalista em tudo aquilo em que esses interesses não colidem com a minha orientação». Carta de Homem Cristo Filho para António Ferro. Paris, 1/10/1926. Arquivo da Fundação António Quadros: Fundo António Ferro. No mesmo contexto posteriormente acrescentou: «Veja se consegue convencer os nossos amigos partidários que a melhor forma de servir os interesses dos bem intencionados é não perder aquela independência, aquela largueza de vistas, aquela orientação fascista que nos assegurou o sucesso nos primeiros dias». *Idem*, 5/10/1926.

⁴⁵ Mantendo-se no partido até à cisão que provocou, ao fundar a União Liberal Republicana, em 18 de março de 1926.

⁴⁶ «Mudará isso em breve? Poderei regressar breve? É o que mais me preocupa. E mudará para quê? Para quem? Para os partidos ou para nova fase ditatorial? Você não deve deixar de manter contacto com o Tamagnini, que é um homem de grandes qualidades, sem dúvida, e a quem o poder deve acabar por ir parar às mãos. Portou-se muito bem comigo até agora». Carta de Homem Cristo Filho para António Ferro. Paris, 29/9/1926. Arquivo da Fundação António Quadros: Fundo António Ferro.

Tendo prevalecido no poder a facção que tinha dado por terminada a aventura em que se envolveu, naquele efêmero projeto jornalístico, cremos que Ferro também tenha, através d'*O Estandarte*, procurado atingir outro objetivo. Decisiva, quanto às suas ambições futuras, estava também em causa assumir uma postura de “contrição”, relativamente a um passado pouco consentâneo com o clima político que agora enfrentava, e que Nuno Rosmaninho também explica no seu estudo sobre a paradoxal evolução do Ferro modernista (designadamente como autor de *Mar Alto*) para o Ferro do “retorno à ordem”⁴⁷. Veja-se como o próprio contornou a questão, na entrevista que concedeu após a estreia da peça no Porto:

«Há política n'*O Estandarte*? Ferro sorri: – Não escrevi uma peça política, não a saberia escrever (...) não defini a «sua» política, propositadamente. O que *Estandarte* tem ou possa ter de social é uma reacção contra o mesquinho espírito revolucionário, de rua ou de seita (...). – Você Ferro, um revolucionário no jornalismo e nas letras – é contra as revoluções sociais? – Entendamo-nos (...). Eu quero a revolução, a revolução profunda, que transforma os espíritos e renova os caracteres, mas entendo que a revolução de seitas a revolução «zeca», destrói o verdadeiro espírito revolucionário (...). Sou, sempre fui republicano. Tenho uma política, sim, que se define numa fórmula banal, mas completa e perfeita – a política de renovação de valores. Vamos buscá-los, estejam onde estiverem»⁴⁸.

A emergente necessidade de um «João das Regras»

Apesar das interrogações que este tema levanta e da multiplicidade de hipóteses que coloca, parece inequívoco que *O Estandarte* tenha começado por ser um preito à memória de alguém a quem Ferro muito deveu, enquanto jornalista, e profundamente admirou, como homem de ação, apostado na propaganda das suas ideias, pretendendo reabilitar o seu nome. Mitificando essa personagem chave, ultrapassando alguns factos menos abonatórios na vida real, Ferro tentou suscitar, junto do público, a ideia de que Homem Cristo Filho congregava as qualidades de um verdadeiro líder, cuja vida trágica e aventureira era o exemplo acabado de alguém a quem não faltavam capacidades de comando, de imolação por uma causa, de um verdadeiro *duce* afinal, que as mulheres, acima de tudo, pareciam pressentir, arrebatadas pelo carisma de alguém por quem só lhes restava, *credere, obbedire, combattere* (parafraseando a divisa mussoliniana). Veja-se a deixa da amante para a mulher do «Chefe», no 1.º ato: «É preciso obedecer-lhe. Compreendes agora? Eu não te enganei, não traí, não pequei, obedeci-lhe».

Sendo que, em paralelo, também o autor quis acentuar no guião toda uma atmosfera de demagogia e corrupção, de interesses encobertos, de atentados e golpes (no sentido

⁴⁷ «De 1920 para 1940, mudou em António Ferro a importância concedida ao passado e à tradição (...). A contrição do diretor do SPN perante o jovem do *Orpheu* é estética, política e moral (...). Ferro abandonou o modernismo, adotou o nacionalismo e procurou, muito retoricamente, uma síntese de ambos». ROSMANINHO, 2008: 292-293.

⁴⁸ «Estandarte», peça «à clef»? Jornal de Notícias, 20/5/32.

de conotá-los com a “República Velha”?)⁴⁹, destaque-se um episódio, neste contexto determinante: durante a descrição de uma intentona, que de repente surge da banda dos «reformistas», e o aparecimento de um correligionário dos «tradicionalistas» («Queiroz»), jovem oficial que quer encabeçar uma reação ao golpe, responde-lhe assim um interlocutor mais moderado («João Pinto»), numa longa tirada declamatória:

«Ouve meu rapaz: ninguém duvida que tu és um valente, dedicado, audacioso (...). É mesmo essa a tua vocação: o heroísmo. Mas o mal de Portugal (...) são os heróis, os exaltados como tu. Há que tomar quinino e fazer baixar a todo o custo a febre que nos excita, que nos faz delirar (...). Defendo uma revolução sem sangue, sem espingardas, sem Rotunda, uma grande revolução nas consciências (...). Estamos cansados de Nuno Álvares e com necessidade urgente dum João das Regras».

Tal registo, enfermando de uma visão pouco consentânea com a atitude daqueles que, como Ferro e Homem Cristo, tudo fizeram para, sempre em minoria, derrotar o que consideravam a tirânica maioria do Partido Democrático⁵⁰, não deixa de conter por isso um profundo significado daí em diante tornado canónico. Veja-se outra passagem, neste caso de *Salazar, o Homem e a Sua Obra*, comentada por José Gil:

«No final do seu livro, Ferro julga possuir finalmente a “chave do enigma” do regime, chave que confia a Salazar: – A sua aspiração, o seu sonho teimoso – perdoe-me se observo mal – é modificar, pouco a pouco, pacientemente, a nossa mentalidade, fazendo parar, bruscamente, as paixões dos homens (...) forçando-nos, temporariamente, a um ritmo vagaroso, mas seguro, que nos faça descer a temperatura, que nos cure da febre... – Continue... – responde-me da sombra o Dr. Salazar... – talvez esteja a caminho da verdade... O sacrifício é “sobretudo moral”, como diz Salazar, o que significa o apagamento das paixões egoístas, em proveito do interesse nacional»⁵¹.

Conclusão

Apesar das evidências, o lapso de tempo entre a estreia d’*O Estandarte* e o começo das entrevistas de Salazar a Ferro (em novembro de 1932), não nos permite inteiramente certificar que a peça tenha consistido numa antecipação, espécie de antecâmara para um ambiente favorável à projeção do novel ditador perante a opinião pública. Mas dada, porém, a proximidade da entrada em funções do Governo de Salazar (5 de julho de 1932) com a estreia da peça, também se pode efetivamente verificar que Ferro, desde muito cedo, contribuiu para o lastro ideológico do novo regime, libertando-se, em

⁴⁹ Entre outros, caso do “revolucionário” «Nariz de Prata» (em óbvia associação ao “Dente de Ouro” da *Noite Sangrenta*), ou de «capitalistas», como o «Antunes do Banco Progresso», ou o «Sousa da Cortiça», perante o qual, no 1.º ato, o partido do «Chefe» pretende fazer cedências, acordo que constitui uma ameaça, dado descobrir-se que o seu rival teve acesso a esses documentos comprometedores.

⁵⁰ Veja-se a frase proferida pelo «Chefe», no 1.º acto d’*O Estandarte*: «Somos ainda a minoria, mas é indispensável que essa minoria seja activa, perigosa, dinâmica, mais audaciosa que a maioria. É o processo dos comunistas e não é um mau processo».

⁵¹ FERRO, 1933, *apud* GIL, 1995: 34; SALAZAR, 1943, *apud* GIL, *idem*.

simultâneo, de perigosos compromissos anteriores que, continuando a defender, lhe teriam feito perder a oportunidade que, em definitivo, alterou o seu próprio destino (dada também a consabida intolerância do novo «Chefe» perante derivas extremistas)⁵². Afinal, conforme Ferro colocou na boca do principal protagonista d'*O Estandarte*, sendo que «o passado não existe, o passado é uma calúnia»⁵³, o que é a «política», senão «uma ciência de realidades, de oportunidades»?...

Peça que é quase uma metáfora deste atribulado período da história contemporânea portuguesa, desafio para futuras incursões neste domínio, teve o seu estudo também o propósito de aprofundar conhecimentos sobre a posição de António Ferro no xadrez político da época. Nesse contexto também se comprova que, para além da intuição cedo demonstrada, quanto à importância dos novos *media* de massas, como o cinema⁵⁴ (decisivo para a futura atividade do SPN⁵⁵), Ferro também soube manobrar a seu favor a cena teatral, numa propaganda difusa, mas consistente com as suas ambições da altura.

Referências Bibliográficas

- ACCIAIUOLI, Margarida – *António Ferro: a vertigem da palavra*. Lisboa: Editorial Bizâncio, 2013.
- BARREIRA, Cecília – “Homem Cristo Filho: algumas considerações em torno do seu percurso ideológico-político”. In PINTO, António Costa [et.al.] – *O Fascismo em Portugal*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1982. p. 175-185.
- BENJAMIN, Walter – “La obra de arte en la época de su reproductibilidad técnica”. *Iluminaciones II*. Madrid: Taurus, 1978.
- CASTELO-BRANCO, Miguel – *Homem Cristo Filho: do anarquismo ao fascismo*. Lisboa: Nova Arrancada, 2001.
- COLAÇO, Thomaz Ribeiro – *A Calçada da Glória*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1947.
- FERRO, António – *As Grandes Trágicas do Silêncio*. 2.^a ed. Lisboa: H. Antunes Editor, 1922.
- FERRO, António – *Mar Alto*. Lisboa: Livraria Portugália Editora, 1924[?].
- FERRO, António – “O Estandarte, peça em 3 Actos, 1932”. Guião datilografado. Arquivo da Fundação António Quadros: Fundo António Ferro.
- FERRO, António – *Salazar: o homem e a sua obra*. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, 1933.
- FERRO, António – *Teatro e Cinema (1936-1949)*. Lisboa: Edições SNI, 1950.
- FERRO, António – *Viagem à Volta das Ditaduras*. Lisboa: Empresa Diário de Notícias, 1927.
- FERRO, António – *Praça da Concórdia*. Lisboa: Empresa Diário de Notícias, 1929.

⁵² «O nosso querido amigo António Ferro principia a sentir o peso das honras e dos triunfos. Desejaria proclamar bem alto o seu pregão matinal de futurista e de extremista – nas imagens e nas metáforas – mas sente que o próprio futuro lhe aconselha: – Cuidado, muito cuidado!...». MANSO[?], Joaquim “Marinetti”. *Diário de Lisboa*, 26/11/1932.

⁵³ Registo tardio da sua pulsão futurista de juventude, em trecho idêntico ao de uma passagem do seu manifesto *Nós*, em 1921.

⁵⁴ «O cinema é o teatro do futuro». FERRO, 1922: 32.

⁵⁵ Sob o pseudónimo Jorge Afonso, foi da sua autoria o argumento de *A Revolução de Maio*, longa metragem de propaganda direta ao Estado Novo, estreada durante a Exposição Internacional de Paris, em 1937.

- FRANÇA, José-Augusto – “Bandarra e Outros, 1934-1936”. *Revista de História das Ideias*. Coimbra: IUC. Vol. 17 (1995), p. 7-18.
- FRANÇA, José-Augusto – “Introdução à leitura d’A *Folha de Parra*”. In COLAÇO, Tomás Ribeiro – *A Folha de Parra*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003. p. 7-17.
- FRANÇA, José-Augusto – *Os Anos Vinte em Portugal: estudo de factos sócio-culturais*. Lisboa: Editorial Presença, 1992.
- GIL, José – *Salazar: a retórica da invisibilidade*. Lisboa: Relógio d’Água, 1995.
- LEAL, Ernesto Castro – *António Ferro: espaço político e imaginário social (1918-32)*. Lisboa: Edições Cosmos, 1994.
- LEAL, Ernesto Castro – *Nação e Nacionalismos: a Cruzada Nacional D. Nuno Álvares Pereira e as origens do Estado Novo (1918-1938)*. Lisboa: Edições Cosmos, 1999.
- LEMOS, Mário Matos e – *Jornais Diários Portugueses do Século XX: um dicionário*. Coimbra: Ariadne Editora / CEIS20, 2006.
- MARTINS, Rocha – *Vermelhos, Brancos e Azuis: homens de Estado, homens de armas, homens de letras*. Lisboa: Vida Mundial - Organizações Crisalis, 1948.
- MEDINA, João – *Os Primeiros Fascistas Portugueses*. Coimbra: Vértice, separata, 1978.
- NETO, Sérgio – “Para o Estudo da “Estética Oficial” do Estado Novo: os prémios de teatro “Gil Vicente” do SPN/SNI (1935-1949)”. *Estudos do Século XX*. Coimbra: IUC. N.º 1 (2001) p. 117-155.
- NOGUEIRA, Alberto Franco – *Salazar, Os Tempos Áureos (1928-1936)*. Vol. 2. Coimbra: Atlântida Editora, 1978.
- OLIVEIRA, César de – *A Preparação do 28 de Maio: António Ferro e a propaganda do fascismo, 1920-1926*. Lisboa: Moraes Editores, 1980.
- PINTO, António Costa – *O Salazarismo e o Fascismo Europeu: problemas de interpretação em Ciências Sociais*. Lisboa: Editorial Estampa, 1992.
- QUADROS, António (org., pref. e coment.) – *António Ferro*. Lisboa: Edições Panorama, 1963.
- REBELLO, Luís Francisco – “Teatro”. In BARRETO, António; MÓNICA, Maria Filomena (coord.) – *Dicionário de História de Portugal*. Vol. 9, suplemento P/Z. Porto: Livraria Figueirinhas, 1999.
- RODRIGUES, António (org.) – *Obras de António Ferro 1: intervenção modernista*. Lisboa: Editorial Verbo, 1987.
- RODRIGUES, António – *António Ferro na Idade do Jazz-Band*. Lisboa: Livros Horizonte, 1995.
- ROSMANINHO, Nuno – “António Ferro e a Propaganda Nacional Antimoderna”. In TORGAL, Luís Reis; PAULO, Heloísa (coord.) – *Estados Autoritários e Totalitários e suas Representações: propaganda, ideologia, historiografia e memória*. Atas. Coimbra: IUC, 2008.
- SALAZAR, António de Oliveira – *Discursos, I*, Coimbra Editora, 1943.
- SERRA, Filomena; TORRES, Eduardo Cintra – “A Construção da Imagem do «Chefe» no *Notícias Ilustrado*”. In GARCIA, José Luís; ALVES, Tânia; LÉONARD, Yves (coord.) – *Salazar, o Estado Novo e os Media*. Lisboa: Edições 70, 2017. p. 201-233.
- STERNHELL, Zeev; SZNAJDER, Mario; ASHÉRI, Maïa – *Nascimento da Ideologia Fascista*. Venda Nova: Bertrand Editora, 1995.
- TORGAL, Luís Reis – *Estados Novos, Estado Novo: ensaios de História política e cultural*. Coimbra: IUC, 2009.

- VICTORINO, José Guilherme – “Propaganda e Controlo de Opinião no Primeiro Salazarismo: a complementaridade de actuação entre o SPN e o aparelho censório”. *Media & Jornalismo*. Lisboa: CIMJ / UNL. N.º 23, vol. 12. N.º 1 (2013) p. 135-148.
- VICTORINO, José Guilherme – *Propaganda e Turismo no Estado Novo: António Ferro e a revista Panorama (1941-1949)*. Lisboa: Alêtheia Editores, 2018. ISBN 978-989-622-878-1.